



SIMÕES DE ASSIS



# SIMÕES DE ASSIS

Rodrigo Bivar

Algum

Some

04 fevereiro - 20 de março  
february 04 - march 20

A galeria de São Paulo está aberta ao público com hora marcada.  
Agende sua visita pelo site ou telefone.

The São Paulo gallery is open to the public by appointment.  
Schedule your visit by website or phone.

são paulo  
rua sarandi 113 a  
01414-010 sp brasil

info@simoedeassis.com  
+55 11 3062-8980





Vaso, 2020  
óleo sobre tela  
180 x 210 cm  
oil on canvas  
70 <sup>7</sup>/<sub>8</sub> x 82 <sup>2</sup>/<sub>3</sub> in

Tiê, 2021  
óleo sobre tela  
220 x 200 cm  
oil on canvas  
86 <sup>5</sup>/<sub>8</sub> x 78 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> in





Nariz, 2020  
óleo sobre tela  
30 x 25 cm  
oil on canvas  
11 7/8 x 9 7/8 in





Vaca, 2021  
óleo sobre tela  
180 x 210 cm  
oil on canvas  
70 <sup>7</sup>/<sub>8</sub> x 82 <sup>2</sup>/<sub>3</sub> in



Marina, 2020  
óleo sobre tela  
210 x 180 cm  
oil on canvas  
82 2/3 x 70 7/8 in





Passarinho, 2021  
óleo sobre tela  
220 x 200 cm  
oil on canvas  
86 <sup>5</sup>/<sub>8</sub> x 78 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> in







Insônia, 2020  
óleo sobre tela  
200 x 250 cm  
oil on canvas  
78 ¾ x 98 ⅝ in





Como todos sabem, poucos artistas, especialmente pintores, têm permissão para transformar totalmente suas práticas. Para algumas pessoas, esse ato é visto como uma traição, para outras, um sinal de fraqueza, falta de clareza ou inconsistência fundamental. Historicamente, certas pessoas são conhecidas por levar esse tema a extremos quase inacreditáveis. O compositor experimental Morton Feldman, um amigo próximo de Philip Guston, parou de falar com Guston quando ele voltou à pintura figurativa. Essa é uma nota de rodapé histórica que agora parece categoricamente ridícula e incompreensível, mas ainda havia muito dogma no ar naquele momento.

Neste ponto, tendo percorrido uma variedade de modos figurativos e abstratos de pintura, a disposição de Bivar para transformar é parte integrante do que ele faz. Em oposição ao preconceito popular, acredito que essa qualidade multifacetada, em última análise, atesta sua consistência, clareza e coragem como artista.

Ao contrário de tantos pintores que ficam paralisados fazendo exatamente o mesmo tipo de trabalho para evitar o destino infeliz de Guston, Bivar possui a rara coragem de fazer mudanças radicais em sua abordagem quando não está satisfeito com o que está fazendo. Essa insatisfação é tão existencial quanto artística.

Em relação à sua última transformação, Bivar foi compelido a deixar a abstração em favor da figuração porque, na atual pandemia de coronavírus, ele sentiu que as coisas estavam “derretendo” bem na sua frente. Como tal, ele foi consumido por uma repentina urgência de pintar tudo o que viu, “tudo o que estava ao alcance e poderia ser nomeado”. Quem não consegue se identificar com isso? Com essa mudança repentina de consciência, marcada tanto pela incerteza quanto pela urgência? Quem não consegue se identificar com a consciência repentina e avassaladora da vida cotidiana? Do nosso entorno imediato? Ou mesmo os menores detalhes assumindo um senso de importância desproporcional?

Minha namorada e eu damos um pequeno passeio perto de nossa casa em Los Angeles todos os dias, uma rota cujos detalhes eu vim a conhecer com clareza sobrenatural. Por exemplo, eu sei quando uma determinada série de arbustos foi aparada, ou o progresso quase exato de um canteiro de obras próximo, se o cachorro de um vizinho está do lado de fora, assim por diante. Por força da exposição repetitiva absoluta, cada mudança, não importa o quão insignificante seja, assume uma conspicuidade monumental para mim. E, de certa forma, passei a apreciar esses marcadores de certeza e quaisquer mudanças que venham a sofrer, nem que seja para lembrar que a vida continua.

A obra mais recente de Rodrigo Bivar parece ser animada por um princípio semelhante, uma espécie de gratidão. Claro, eu nunca iria reduzi-la a metáforas para esta experiência, mas acredito que o recurso tenha seu valor. Também não chegaria ao ponto de dizer que a mudança pela qual o trabalho de Bivar está passando é radical. Na verdade, eu me pergunto se é seguro dizer que este último corpo de trabalho não é uma destilação de tudo o que veio antes dele. Afinal, trata-se, em muitos casos, de grandes campos de cores, que não são representados pelo desenho, mas pela aplicação direta de tinta. Desta forma, o que Rodrigo Bivar está fazendo agora não significa um intervalo ou uma ruptura com o que veio antes, mas sim uma continuação.

As everyone knows, few artists, especially painters, are given a pass to entirely transform their practices. For some people, this act is seen as a betrayal, for others, a sign of weakness, a lack of clarity, or fundamental inconsistency. Historically, certain people have been known to take this to unbelievable extremes. The experimental composer, Morton Feldman, a dear friend of Philip Guston, stopped speaking to Guston when he returned to figurative painting. This is a historical footnote that seems categorically ridiculous and incomprehensible now, but there was still so much dogma in the air at that time.

At this point, having cycled through a variety of figurative and abstract modes of painting, Bivar's willingness to transform is part and parcel of what he does. In opposition of popular prejudice, I believe that this protean quality ultimately testifies to his consistency, clarity and courage as an artist. Unlike so many painters who get stuck doing the exact same kind of work to avoid the unhappy fate of Guston, Bivar possesses the rare courage to make radical changes in his approach when he is not satisfied with what he is doing. This dissatisfaction is as existential as it is artistic.

Regarding his latest transformation, Bivar was compelled to leave the abstraction in favor of figuration because, in the current coronavirus pandemic, he felt that things were "melting away" right in front of him. As such, he was consumed by a sudden urgency to paint whatever he saw, "whatever was within reach and could be named." Who cannot identify with this? With this sudden shift in conscience, marked both by incertitude and urgency? Who cannot identify with the sudden, overwhelming awareness of everyday life? Of our immediate surroundings? Or even the minutest particulars assuming an all but disproportionate sense of importance?

My girlfriend and I try and take a short walk near our home in LA every day, a route whose every detail I have come to know with preternatural clarity. For instance, I know when a given series of bushes has been trimmed, or the almost exact progress of a nearby construction site, whether a neighbor's dog is outside, so on and so forth. By dint of sheer repetitive exposure, each change and modification, no matter how insignificant, takes on a monumental conspicuousness for me. And in a way, I have come to cherish them— these markers of certitude and any changes they may undergo, if only to remind that life goes on.

Rodrigo Bivar's most recent body of work seems to be animated by a similar principle, even a kind of gratitude. Of course, I would never reduce it to metaphors for this experience, but I believe that there is a quality in that kind of resource. Nor, incidentally, would I go so far as to say that the change that Bivar's work is undergoing is so radical. In fact, I wonder if it is safe to say that this latest body of work isn't a distillation of everything that has come before it. These are, after all, in many cases large fields of color, which are depicted not through drawing, but through the direct application of paint. In this way, what Rodrigo Bivar is making now does not mean a break or a rupture with what came before it, but rather a continuation.



O pintor Rodrigo Bivar (Brasília, DF – 1981), inicia sua trajetória no começo dos anos 2000, tendo integrado o grupo de artistas 2000e8, ao lado de Ana Elisa Egreja, Bruno Dunley, Marcos Brias, Marina Rheingantz, Regina Parra, Renata De Bonis e Rodolpho Parigi. Os trabalhos deste primeiro momento aproximam-se da figuração, porém com um desejado estranhamento: o ângulo em que as figuras se encontram, a incidência propositalmente rara da luz, a falta de hierarquia entre os elementos.

Mais tarde, ao distanciar-se da figuração, Bivar reestrutura a pintura por meio da combinação de formas e massas de cor. Estruturas orbitam pelo espaço pictórico propondo associações variadas. Como afirma o curador Tiago Mesquita, Bivar “trata o patético descompasso entre o que se espera e o que acontece com humor. A pintura para ele parece acontecer quando as pontas soltas se embarçam e mostram que a exceção se tornou a regra”.

Avançando pelos meandros da abstração, o artista Rodrigo Bivar imanta formas tortuosas no espaço da pintura. As combinações não se dão por um lance de dados, mas por infintas tentativas que descrevam as órbitas e poder de atração entre volumes moles. Curvilíneas, as formas não têm começo nem fim, mas, curiosamente, parecem estar na iminência de mutação. Bivar não conduz o olhar por uma narrativa temática ou visual, ao revés, propõe quiçá o maior desafio para a vista ágil contemporânea: reconhecer as coisas por sua simples e, ao mesmo tempo, complexa existência. Os títulos das obras podem apontar caminhos para vê-las, mas as pinturas não parecem representar algo. De todo modo, o artista aponta para um exercício definido pela poetisa Laura Liuzzi como “Ver sem dar sentido [...] Ver a cor sem nomeá-la. Ver a forma sem defini-la. Perceber a diferença e incorpora-la”.

[visite a página do artista](#)

The painter Rodrigo Bivar (Brasília, DF - 1981), began his career in the early 2000s, having joined the group of artists 2000e8, alongside Ana Elisa Egreja, Bruno Dunley, Marcos Brias, Marina Rheingantz, Regina Parra, Renata De Bonis and Rodolpho Parigi. The works of this first moment are closer to figuration, but with a desired strangeness: the angle at which the figures meet, the purposely rare incidence of light, the lack of hierarchy between the elements.

Later, as he distanced himself from figuration, Bivar restructured the painting by combining shapes and masses of color. Structures orbit the pictorial space, proposing varied associations. As curator Tiago Mesquita states, Bivar “treats the pathetic mismatch between what is expected and what happens with humor. The painting for him seems to happen when the loose ends get tangled and show that the exception has become the rule”.

Advancing through the intricacies of the field of abstraction, the artist Rodrigo Bivar creates tortuous shapes in the space of painting. The combinations are not given by a throw of the dice, but by endless attempts to describe the orbits and power of attraction between soft volumes. Curvilinear, the forms have no beginning or end, but, curiously, they seem to be on the verge of mutation. Bivar does not lead the eye through a thematic or visual narrative, on the contrary, perhaps proposes the greatest challenge for the contemporary agile view: recognizing things for their simple and, at the same time, complex existence. The titles of the works may point to ways to see them, but the paintings do not seem to represent anything. Anyway, the artist points to an exercise defined by the poet Laura Liuzzi as “Seeing without giving sense ... Seeing the color without naming it. Seeing the shape without defining it. Realizing the difference and incorporating it”.

[visit the artist page](#)

# SIMÕES DE ASSIS

## **São Paulo**

rua sarandi 113a  
01414-010 sp brasil  
+55 11 3063-3394

## **Curitiba**

al. carlos de carvalho 2173a  
80730-200 pr brasil  
+55 41 3232 2315